



COMPANHIA DAS LETRAS

A falência

JÚLIA LOPES DE ALMEIDA foi uma escritora e estudiosa brasileira. Nasceu no Rio de Janeiro em 1862. Filha de ricos imigrantes portugueses, teve acesso a uma boa educação. Dos sete aos 23 anos, morou numa fazenda com a família em Campinas, São Paulo, e publicou suas primeiras crônicas no jornal local. Em 1886, mudou-se para Lisboa. Seu primeiro livro foi um volume de contos, *Traços e iluminuras*, publicado com recursos próprios em Portugal, em 1887. Júlia voltou ao Brasil em 1888, casada com o poeta português Filinto de Almeida. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi lançado em 1889, em São Paulo, cidade em que o casal morou por quatro anos. Depois, mudaram-se para o Rio de Janeiro, onde, durante parte das décadas de 1900 e 1910, foram os proprietários de um casarão no bairro de Santa Teresa conhecido como Salão Verde — espaço frequentado por intelectuais e comandado por Júlia. O nome da autora foi cogitado para figurar na lista de membros fundadores da Academia Brasileira de Letras (1897), mas, com o intuito de manter a Academia exclusivamente masculina, seu nome foi preterido em favor do marido, Filinto. Em 1925, a família fixou residência em Paris e lá permaneceu por seis anos. Em 1934, aos 72 anos, Júlia morreu, em sua cidade natal, vítima de malária.

LUÍZ RUFFATO nasceu em Cataguases, Minas Gerais, em 1961. Formado em comunicação pela Universidade Federal de Juiz de Fora, publicou vários livros, entre os quais a pentalogia *Inferno provisório* e o aclamado *Eles eram muitos cavalos*, que recebeu os prêmios APCA e Machado de Assis. É também autor dos romances *Estive em Lisboa e lembrei de você* (2009), *Flores artificiais* (2014), *De mim já nem se lembra* (2015) e *O verão tardio* (2019); do volume de poemas *As máscaras singulares* (2002); dos volumes de crônicas *Minha primeira vez*

(2014) e *Ninguém em casa* (2019); do infantil *A história verdadeira do sapo Luiz* (2014); e do volume de contos *A cidade dorme* (2018). Seus livros ganharam diversos prêmios e estão publicados em Cuba, Argentina, Colômbia, México, Estados Unidos, Portugal, França, Itália, Alemanha, Finlândia, Macedônia e Moçambique. Em 2016 recebeu o Prêmio Internacional Hermann Hesse, na Alemanha.

Júlia Lopes
de Almeida

A falência

Prefácio de
LUIZ RUFFATO



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2019 by Penguin-Companhia das Letras
Copyright do prefácio © 2019 by Luiz Ruffato

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

PREPARAÇÃO
Ana Lima Cecilio

REVISÃO
Huendel Viana
Angela das Neves

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Almeida, Júlia Lopes de,
A falência / Júlia Lopes de Almeida ; prefácio de Luiz
Ruffato. — 1ª ed. — São Paulo: Penguin Classics Companhia
das Letras, 2019.

ISBN 978-85-8285-086-2

1. Ficção brasileira 1. Ruffato, Luiz. II. Título.

19-23518

CDD-B869

Índice para catálogo sistemático:
1. Ficção : Literatura brasileira B869

Cibele Maria Dias — Bibliotecária — CRB 8/9427

[2019]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.
Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32
04532-002 — São Paulo — SP
Telefone: (11) 3707-3500
www.penguincompanhia.com.br
www.companhiadasletras.com.br
www.blogdacompanhia.com.br

Sumário

Prefácio — <i>O resgate de Júlia</i> — Luiz Ruffato	7
A FALÊNCIA	21

Prefácio

○ resgate de Júlia*

LUIZ RUFFATO

A publicação de *A falência* nesta prestigiosa edição da Penguin-Companhia das Letras redime, de certa forma, Júlia Lopes de Almeida do estranho e injusto ostracismo a que foi relegada — e que só não se tornou ainda maior devido à importância de sua obra, que transcende os interesses obscuros que pautam a formação do cânone nacional, e ao abnegado esforço de alguns admiradores em manter viva sua memória. *A falência* é, sem sombra de dúvida, um dos pontos altos da literatura brasileira, e Júlia Lopes de Almeida, uma das personalidades mais fascinantes dos anos que compreendem o final do século XIX e o começo do século XX.

Nascida no Rio de Janeiro em 1862, filha de imigrantes portugueses ricos e cultos, Júlia teve uma educação sofisticada e liberal, completamente discrepante dos padrões femininos da época. Dos sete aos 23 anos, morou com a família numa fazenda em Campinas, no estado de São Paulo, onde, incentivada pelo pai, publicou suas primeiras crônicas no jornal local. Em 1886, partiu para Lisboa e lá permaneceu por dois anos, até que, já casada com o poeta português Filinto de Almeida, retornou ao Brasil. Foi ainda em Portugal que se deu sua estreia em livro próprio, com os contos de *Traços e iluminuras*, publicado com re-

* Detalhes do enredo serão revelados neste prefácio. (N. E.)

curso pessoais em 1887. Seu primeiro romance, *Memórias de Marta*, foi lançado em 1889, em São Paulo, cidade em que o casal morou por quatro anos devido às atividades jornalísticas do marido. Em 1904 começaram as obras de um casarão no bairro de Santa Teresa, no Rio de Janeiro, inaugurando o chamado Salão Verde, espaço que seria comandado por Júlia durante 21 anos e frequentado por artistas, intelectuais e jornalistas. Júlia passou os anos de 1913 e 1914 na Europa, fez uma longa viagem pelo Sul do Brasil em 1918 e para Buenos Aires em 1922. A partir de 1925, a família fixou residência por seis anos em Paris. Em 1934, oito dias após voltar de uma viagem à África, morreu, em sua cidade natal, vítima de malária, aos 72 anos.

Jornalismo e reconhecimento

Segundo a crítica literária Lúcia Miguel-Pereira, Júlia Lopes de Almeida é a principal figura feminina entre os escritores de sua época.¹ Isso se dá não só pelo montante de sua obra, produzida por mais de quarenta anos, como também pelo reconhecimento que angariou entre os críticos e o público. Numa época em que às mulheres cabia o papel de dona de casa submissa e iletrada, ela se impôs no meio intelectual. Suas colaborações se estenderam pelos mais diversos órgãos de imprensa: *Gazeta de Notícias*, *A Estação*, *O Estado de S. Paulo*, *Ilustração Brasileira*, *Jornal do Commercio*, *Kosmos*, *O Mundo Literário* e, principalmente, *O País*, jornal que era uma das mais importantes fontes de informação da elite brasileira e no qual Júlia manteve, por 22 anos, uma coluna na primeira página.

1 Lúcia Miguel-Pereira, *História da literatura brasileira: Prosa de ficção — de 1870 a 1920*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: INL, 1973.

A ensaísta Norma Telles afirma que Júlia

com direitos auferidos de seus livros e os estípidos de palestras que proferiu, conseguiu viver de sua pena, um feito para uma época em que à mulher não era permitido escrever nem expressar suas opiniões, o que a escritora, jornalista, cronista e dramaturga fez em vários momentos e sobre diversos assuntos. Em estilo simples, enxuto e elegante, em romances realistas ou campanhas pacifistas, ecológicas ou pelos direitos das mulheres, em projetos agrícolas ou educacionais, dona Júlia foi presença marcante na sociedade e nas letras de seu tempo.²

Tão marcante que teve seu nome cogitado para a lista inicial de membros da Academia Brasileira de Letras (ABL). Em um artigo no jornal *O Estado de S. Paulo*, de 12 de dezembro de 1896, o escritor Lúcio de Mendonça, um dos fundadores da ABL, anuncia uma reunião que definiria os nomes dos quarenta imortais, e cita Júlia Lopes de Almeida. No entanto, em 20 de julho do ano seguinte, quando se realizou a sessão solene de fundação da ABL, quem tomava posse não era ela, mas seu marido, Filinto de Almeida.

O escritor Humberto de Campos, membro da ABL eleito em 1919, explica que, na fundação da Academia, uma das cadeiras estava destinada à escritora, contudo, o artigo que regulava a candidatura feminina havia desaparecido. Constrangidos, pois a ficcionista estava informada dessa possibilidade, imaginaram, segundo Campos, uma solução: “Há um remédio — lembrou, então, alguém: — Como dona Júlia não pode entrar, dá-se-lhe uma satisfação, incluindo o Filinto”.³ O biógrafo Raimundo Ma-

2 Orelha da quarta edição de *A falência* (Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2003).

3 Humberto de Campos, *Crítica*. 1ª série. Rio de Janeiro: W. M. Jackson, 1954.

galhães Junior comenta, que por “modéstia e devoção conjugal, ela [Júlia] preferiu vê-lo [Filinto] eleito em seu lugar”,⁴ e Humberto de Campos conclui: “O marido pagava, assim, o tributo a que se acham sujeitos os homens, mesmo ilustres, que se casam com mulheres inteligentes”. A aceitação feminina nos quadros da ABL só ocorreria oitenta anos depois, com a eleição de Rachel de Queiroz, em 4 de agosto de 1977.

Júlia sempre foi uma escritora politicamente consciente, e isso era claro em seus textos sobre a condição da mulher. *A Mensageira*, “revista literária dedicada à mulher brasileira” — inicialmente quinzenal, e após o primeiro ano mensal —, perdurou de outubro de 1897 a janeiro de 1900, como importante porta-voz das reivindicações das mulheres no período da República Velha — o direito à educação e ao voto —, além de ter apoiado as lutas anticolonialistas e ter se batido pelo pacifismo. Coube a Júlia Lopes de Almeida apresentar a revista, em um texto intitulado “Duas palavras”:

A mulher brasileira conhece que pode querer mais do que até aqui tem querido; que pode fazer mais do que até aqui tem feito. Esta revista, dedicada às mulheres, parece-me dever dirigir-se especialmente às mulheres, incitando-as ao progresso, ao estudo, à reflexão, ao trabalho e a um ideal puro que as nobilite e as enriqueça, avolumando os seus dotes naturais. Ensinará que, sendo o nosso um povo pobre, as nossas aptidões podem e devem ser aproveitadas em variadas profissões remuneradas e que auxiliem a família, sem detrimento do trabalho do homem.⁵

4 Raimundo Magalhães Junior, *Vida e obra de Machado de Assis: Maturidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL-MEC, 1981, v. 3, p. 288.

5 *A Mensageira*, São Paulo, ano 1, v. 1, n. 1, pp. 5-7, 15 out.

Esse pensamento, embora prudente, é extremamente ousado para um país machista e paternalista, e a escritora o aprofundará em seus romances refinados, nos quais descreve com elegância e precisão as encruzilhadas da mulher na sociedade dos fins do século XIX e princípios do século XX, não se esquivando de enfrentar temas complexos e polêmicos para a época.

Literatura infantil e adulta

Além de renomada jornalista, Júlia alcançou enorme sucesso com livros que hoje denominaríamos paradidáticos. Aliás, é interessante e sintomático o fato de que a carreira da escritora tenha se iniciado com a publicação, em 1886 — ou seja, quando tinha 24 anos —, de um livro de intenções claramente pedagógicas intitulado *Contos infantis*, em colaboração com sua irmã, Adelina Lopes Vieira. Adotado oficialmente em todas as escolas primárias do Brasil a partir de 1891, o volume chegou a dezessete edições em pouco mais de trinta anos. Em 1907, Júlia ainda publicou, no contexto de literatura paradidática, *Histórias da nossa terra*, que em 23 anos alcançou 21 edições.

A pesquisadora Rosa Maria de Carvalho Gens afirma que cabe a Júlia, uma posição de destaque por perceber a importância do público infantil, procurando encaixar hábitos, valores e estruturas do mundo adulto no universo das crianças.⁶ Essa atenção à educação, trinta anos antes

1897. Ed. fac-similar. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado/Secretaria de Estado da Cultura, 1987.

6 Rosa Maria de Carvalho Gens, “Mulheres escrevem para crianças”. In: Izabel Brandão e Zahidé L. Muzart (Orgs.), *Refazendo nós*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edu-nisc, 2003, pp. 117-8.

de Monteiro Lobato começar a publicar sua obra voltada para esse público, demonstra uma preocupação política indiscutível. Júlia pertencia a uma elite urbana e intelectualizada num país rural e inculto. Nessa conjuntura, defender valores morais burgueses num meio que relevava a escolarização, principalmente a feminina, e cultuava valores aristocráticos rurais escravocratas, deve ser visto como algo revolucionário.

Já na literatura adulta, seu primeiro romance escrito (e o segundo a ser lançado), *A família Medeiros* — que aparece como folhetim no jornal *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro, entre 16 de outubro e 17 de dezembro de 1891, e em volume único no ano seguinte —, é um libelo antiescravagista. O crítico Wilson Martins afirma que o livro, iniciado em 1886 e concluído em 1888, “não foi imediatamente publicado, porque o advento da Abolição pareceu, por um momento, ter-lhe tirado o interesse; agora [1892], quando os negros passaram a ser abertamente atacados e novas formas de escravidão congeminadas pelos pais da Pátria, a história adquiria inesperada atualidade”.⁷ A escritora portuguesa Guiomar Torrezão, em artigo na revista *A Mensageira*, de 15 de junho de 1899, chega mesmo a comparar, com exagero, *A família Medeiros* ao clássico *A cabana do pai Tomás*, da norte-americana Harriet Beecher Stowe, lançado em 1852.

Seu segundo romance escrito (e primeiro a ser publicado), *Memórias de Marta*, veio a público como folhetim na *Tribuna Liberal*, do Rio de Janeiro, entre 3 de dezembro de 1888 e 18 de janeiro de 1889, e em livro neste mesmo ano. Curiosamente, antecipa o tema da obra-prima de Aluísio Azevedo, *O cortiço*, publicada em 1890. A narrativa de Júlia centra-se na história de Marta, que, após a morte do pai, vai com a mãe morar num cortiço na Ci-

7 Wilson Martins, *História da inteligência brasileira*. 2. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 1996, v. IV: 1887-1896, p. 400.

dade Nova, e lá convive com personagens também encontrados no romance de Azevedo: a família de portugueses miseráveis, a moça bonita que termina na prostituição, o proprietário ganancioso... Enfim, num ambiente de promiscuidade e vício, Marta tenta sobreviver com dignidade e, embora chegue a formar-se professora, somente por meio de um casamento de conveniência consegue deixar para trás aquela vida de privações.

Em 1895, Júlia volta a usar as páginas do jornal *Gazeta de Notícias* para publicar outro folhetim, *A viúva Simões*, lançado em livro dois anos depois. Wilson Martins, normalmente econômico em elogios, afirma ser esse “um excelente romance, de grande força dramática, escrito num estilo brilhante e enxuto, com perfeito desenvolvimento narrativo”.⁸ A bela viúva do comendador Simões, mulher honesta e recatada, mãe discreta e dedicada, vê-se no centro de uma avalanche emocional ao reencontrar, depois de vinte anos, um antigo namorado, ainda solteiro, galante e sedutor. Atiçada em sua sexualidade reprimida, ela não mede esforços para reconquistar seu amor, enfrentando tudo e todos para alcançar a felicidade, colocando-se até mesmo contra sua filha, quando esta, sem o saber, disputa-lhe o mesmo homem. Um fino estudo psicológico que acompanha a derrocada vertiginosa de um lar burguês do entre séculos.

Em plena posse de sua arte narrativa, Júlia publica *A falência*, em 1901, um romance que se insere na corrente realista brasileira, a qual, nascendo nas melhores páginas urbanas de José de Alencar, realiza-se à perfeição nos contos e romances de Machado de Assis. Parece que Júlia tinha total consciência da importância desse livro no conjunto de sua obra. Em nota escrita provavelmente entre 1932 e 1933, segundo informações de Rosane Saint-Denis Salomoni, a autora relembra:

8 Ibid., v. V: 1897-1914, p. 12.

Escrevi este romance duas vezes. A primeira em solteira, e dessa primeira fatura figuram dois capítulos no meu livro de contos *Traços e iluminuras*, escrito ainda com o meu nome de solteira. Esse romance rasguei-o, sentindo que lhe faltava o que o seu assunto exigia e que só depois de mulher eu poderia dar completamente o conhecimento da vida. A ideia ficou cantando no meu espírito e só depois de muitos anos de casada e cinco vezes mãe, foi que o escrevi do primeiro ao último capítulo definitivamente.⁹

José Veríssimo, contemporâneo da autora, afirma que, com *A falência*, Júlia Lopes de Almeida “toma decididamente lugar, e não somenos, entre os nossos romancistas”.¹⁰ Crítico exigente, Veríssimo afirma que um dos melhores elogios a este livro é de que se trata de “um escritor já na posse de todos os seus meios”.¹¹

Podemos afirmar que o lançamento de *A intrusa*, “romance de sombrio realismo”, nas palavras de Wilson Martins, encerra a fase mais rica e criativa da obra ficcional de Júlia Lopes de Almeida. Publicado como folhetim no *Jornal do Commercio*, ao longo de 1905, e em livro três anos depois, mereceu de Aluísio Azevedo o elogio de “adorável romance” que, confessa, leu “de uma sentada”, chamando-a de Charlotte Brontë brasileira, conforme carta escrita em Buenos Aires, em 7 de setembro de 1912.¹² Alice vai trabalhar como governanta na casa do

9 Contracapa da quarta edição de *A falência*, op cit.

10 José Veríssimo, *Estudos de literatura brasileira*. 5ª série. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1977, p. 79.

11 Ibid., p. 84.

12 Apud Rosane Saint-Denis Salomoni, *A escritora, os críticos, a escritura: O lugar de Júlia Lopes de Almeida na literatura brasileira*. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005, p. 33. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira).

rico advogado viúvo Argemiro e, pouco a pouco, se impõe à família, obscurecendo a influência dominante da sogra de Argemiro e a memória da esposa morta. Elódia Xavier, no prefácio à terceira edição do livro, publicada em 1994, ressalta que Júlia, com sua apologia do trabalho, aponta para a mulher um acesso seguro para a realização de suas ambições, que, no âmbito restrito da época, se reduziam a ser mãe, esposa e dona de casa. A protagonista do livro, Alice, obrigada a buscar seu sustento, “faz do trabalho um caminho eficiente de ascensão social e do casamento um meio lícito de enriquecimento”.

A falência

Mas é mesmo com *A falência* que Júlia Lopes de Almeida inscreve seu nome entre os grandes autores da literatura brasileira. A ação do romance transcorre em 1891, ano “em que o preço do café assumira proporções extraordinárias”, logo após a implantação da República, época também das grandes especulações financeiras na Bolsa de Valores, período conhecido como Encilhamento. Francisco Teodoro, imigrante chegado “sem bagagem” ainda criança de Portugal, “quase analfabeto, com a cabeça raspada, a jaqueta ruça e os sapatos barulhentos”, alcança fortuna, dono de uma das casas “mais graúdas no comércio de café” do Rio de Janeiro. Com “um belo ar de burguês satisfeito”, mora com a família numa mansão na praia de Botafogo, “em que as roupas, as comidas e as bebidas atafulhavam os armários e a despensa até a brutalidade”.

Preocupado em acumular riqueza para ostentar luxo e poder, ignora o que ocorre sob seu teto. A mulher, Camila, filha de “gente pobre, mas de educação”, vive para festas e para o amante, o dr. Gervásio, um médico rico que não precisa exercer a profissão. O filho mais velho,

Mário, indignado com o comportamento da mãe, vingasse, gastando dinheiro com mulheres e farras. Há ainda a filha Ruth, violinista sensível e talentosa, as irmãs gêmeas Lia e Rachel, a sobrinha Nina, agregada que funciona como governanta, e a ex-escrava faz-tudo, Noca.

Pouco a pouco, Francisco Teodoro, ganancioso, envolve-se em especulações com o preço do café, até que, por conta de negócios malsucedidos, acaba falindo. Envergonhado por não conseguir manter seu sonho de “ser o primeiro negociante, o mais hábil, o mais forte”, comete suicídio. Assim, empobrecida, a família muda-se para uma pequena casa, no subúrbio, que Francisco Teodoro ironicamente havia doado para garantir o futuro incerto de Nina, longe dos antigos amigos e abandonados até mesmo por Mário, que, então casado com a nobre e rica Paqueta, também se afasta da mãe e das irmãs. Noca, Nina e Ruth começam a trabalhar para compor o orçamento doméstico, enquanto Camila descobre decepcionada que o amante havia lhe mentido todo o tempo, pois, casado, deixara a mulher justamente por ela ter cometido adultério.

O romance traça uma crítica ácida a respeito do despotismo masculino. A opressão de Camila se dá tanto pelo marido, Francisco Teodoro — “não quis casar com mulher sabichona. É nas medíocres que se encontram as esposas”, orgulha-se ele —, como pelo amante, Gervásio, sujeito arrogante e superficial, que faz dela obra sua, transformando-a “ao influxo dos seus gostos, da sua convivência e do seu espírito”. Catarina, personagem secundária, irmã do capitão Rino, dono de um barco a vapor, expressa, em sua opção por manter-se solteira, a quase impossibilidade da independência feminina na época: os homens “são enganosos, e eu sou franca. Imagina o conflito”, conclui, desalentada.

Contraditória, Camila, ainda que aceitando seu papel de coadjuvante na vida social, revela-se consciente da humilhação imposta pelo jugo dos homens:

Qual é a mulher, por mais estúpida, ou mais indiferente, que não adivinhe, que não sinta o adultério do marido no próprio dia em que ele é cometido? Há sempre um vestígio *da outra*, que se mostra em um gesto, em um perfume, em uma palavra, em um carinho... Eles traem-se com as compensações que nos trazem...

A autora aproveita ainda para, por meio de Camila, fazer uma irônica reflexão a respeito da misoginia presente nos romances disponíveis à época, sempre escritos por homens:

Os senhores romancistas não perdoam às mulheres; fazem-nas responsáveis por tudo — como se não pagássemos caro a felicidade que fruímos! Nesses livros tenho sempre medo do fim; revolto-me contra os castigos que eles infligem às nossas culpas, e desespero-me por não poder gritar-lhes: hipócritas! hipócritas!

Para além do assédio moral que Francisco Teodoro impõe às mulheres com seus comentários (“A mulher nasceu para mãe de família. O lar é o seu altar; deslocada dele não vale nada!”), *A falência* exacerba casos de violência doméstica, que atingem tanto mulheres miseráveis como Sancha, a empregada negra que apanha todos os dias da mesquinha d. Joana, tia de Camila, quanto ricas, como a própria d. Joana, viúva de um colchoeiro, “de quem sofrera os maus-tratos que, na inconsciência das bebedeiras, ele lhe ministrava”, ou a mãe de Catarina e do capitão Rino, “morta a facadas pelo pai, como adúltera”.

Passeando com absoluta competência tanto pelas tediosas e fúteis atividades do interior das mansões, como pelo frenesi das ruas onde se encontram os armazéns de café do cais do porto, a autora, que já havia feito o leitor adentrar num cortiço em *Memórias de Marta*, delinea aqui, com precisão, um dos primeiros registros das nas-

centes favelas do Rio de Janeiro: “Era o resto de uma cidade, tomada de assalto por gente expatriada, resignada a tudo: ao pão duro e à sombra de qualquer telha barata. Uma pobreza avarenta aquela, que formigava por toda a encosta de lajedos brutos, entre ratazanas e águas servidas”. Esse abismo intransponível, que separa ricos e pobres, revolta a sensível Ruth, que se pergunta: “Que direito teriam uns a todas as primícias e regalos da vida, se havia outros que nem por uma nesga viam a felicidade?”.

O que caracteriza um bom romance é sua capacidade de proporcionar várias chaves de leitura — quanto mais camadas houver, mais sofisticada a sua estrutura, mais complexos os seus liames. Em *A falência*, “estudo do meio carioca ao tempo das dramáticas derrocadas comerciais provocadas pelo Encilhamento”, como bem define Margarida Lopes de Almeida no documento inédito *Biografia de dona Júlia*, Júlia Lopes de Almeida consegue ao mesmo tempo oferecer um notável panorama das repercussões do boom do café no final do século XIX na formação da nascente burguesia urbana, e retratar, com impecável maestria, os meandros de uma sociedade machista e hipócrita, na qual subsistem as relações escravocratas e aprofundam-se as desigualdades sociais. O romance oferece até mesmo acurado prognóstico do que seria o país, mais de cem anos depois: “A pulsação do seu sangue alvoroçado dava-lhe [a Francisco Teodoro] a percepção fantástica de que o Brasil seria arrastado vertiginosamente pela maldade de uns, a ignorância de outros e a ambição de todos, em voragens abertas pela política amaldiçoada”.

Abolicionista, pacifista, feminista, precursora da literatura infantil e da conscientização ecológica, autora de pelo menos três grandes romances (*A viúva Simões*, *A intrusa*, *A falência*), Júlia Lopes de Almeida enfrentou e enfrenta o

machismo do meio literário brasileiro, que prefere incensar autores medíocres a admitir o grosseiro erro de interpretação de sua obra. A ensaísta norte-americana Peggy Sharpe afirma que a obra de Júlia revela “as tensões, as contradições e os conflitos da mulher brasileira da época, resultantes de um processo de modernização caracterizado pelos novos códigos sociais, econômicos e políticos”¹³ — o que nos leva a interrogar, como o fez em 1987 Temístocles Linhares, em sua *História crítica do romance brasileiro*: Como explicar o seu injusto esquecimento?¹⁴

13 In: Zahidé Lupinacci Muzart (Org.), *Escritoras brasileiras do século XIX*. Florianópolis: Mulheres; Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2004, v. II, p. 206.

14 Temístocles Linhares, *História crítica do romance brasileiro*. Belo Horizonte: Itatiaia; São Paulo: Edusp, 1987. 3 v.

A falência

O Rio de Janeiro ardia sob o sol de dezembro, que escaldava as pedras, bafejando um ar de fornalha na atmosfera. Toda a rua de São Bento, atravancada por veículos pesadões e estrepitosos, cheirava a café cru. Era hora de trabalho.

Entre o fragor das ferragens sacudidas, o giro ameaçador das rodas e os corcovos de animais contidos por mãos brutas, o povo negrejava suando, compacto e esbaforido.

À porta do armazém de Francisco Teodoro era nesse dia grande o movimento. Um carroceiro, em pé dentro do caminhão, onde ajeitava as sacas, gritava zangado, voltando-se para o fundo negro da casa:

— Andem com isso, que às onze horas tenho de estar nas Docas!

E os carregadores vinham, sucedendo-se com uma pressa fantástica, atirar as sacas para o fundo do caminhão, levantando no baque nuvens de pó que os envolvia. Uns eram brancos, de peitos cabeludos mal cobertos pela camisa de meia enrugada de algodão sujo; outros negros, nus da cintura para cima, reluzentes de suor, com olhos esbugalhados.

Ao cheiro do café misturava-se o do suor daqueles corpos agitados, cujo sangue se via palpitar nas veias entumescidas do pescoço e dos braços.

No desespero da pressa, o carroceiro soltava imprecações, aos berros, furioso contra os outros carroceiros, que

passavam raspando-lhe a caixa do caminhão, todo derreado para a anagem das sacas, respirando a poeirada que se levantava delas. Os outros respondiam com iguais impróprios, que os cocheiros dos tílburis, em esperas forçadas, ouviam rindo, mastigando o cigarro.

Os carregadores serpeavam por meio de tudo aquilo, como formigas em correição, com a cabeça vergada ao peso da saca, roçando o corpo latejante nas ancas lustrosas dos burros.

Transeuntes recolhiam-se apressados, de vez em quando, para dentro de uma ou outra porta aberta, no pavor de serem esmagados pelas rodas que invadiam as calçadas, resvalando depois com estrondo para os paralelepípedos da rua.

Aquí, ali e acolá, pretinhas velhas, com um lenço branco amarrado em forma de touca sobre a carapinha, varriam lépidas com uma vassoura de piaçava os grãos de café espalhados no chão. Com o mesmo açodamento pe-neiravam-nos logo em uma bacia pequena, de folha, com o fundo crivado a prego. Era o seu negócio, que aqueles dias de abundância tornavam próspero. Enriqueciam-se com os sobejos.

Assim, em toda a rua só se viam braços a gesticular, pernas a moverem-se, vozes a confundirem-se, chocando nas pragas, rindo com o mesmo triunfo, gemendo com o mesmo esforço, em uma orquestra barulhenta e desarmônica.

A não serem as africanas do café e uma ou outra italiana que se atrevia a sair de alguma fábrica de sacos com dúzias deles à cabeça, nenhuma outra mulher pisava aquelas pedras, só afeitas ao peso bruto.

Dominava ali o trabalho viril, a força física, movida por músculos de aço e peitos decididos a ganhar duramente a vida. E esses corpos de atletas, e essas vozes que soavam alto num estridor de clarins de guerra, davam à velha rua a pulsação que o sangue vivo e moço dá a uma artéria, correndo sempre com vigor e com ímpeto.